



A notícia da gravidez e o “ser pai”: sensações experimentadas pelos homens durante a gestação¹

The news of pregnancy and “being a father”: sensations experienced by men during pregnancy

Camila Rebouças Fernandes²

RESUMO

Esse estudo é qualitativo e objetivou conhecer algumas sensações experimentadas pelos homens durante a gestação. Foram entrevistados dez homens que utilizavam o pré-natal no IFF/Fiocruz. As sensações verbalizadas, no geral, foram positivas, mas em alguns casos, acompanhadas por sentimentos de medo, preocupação e surpresa.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade. Paternidade. Cuidado Pré-Natal.

ABSTRACT

This study is qualitative and aimed to know some sensations experienced by men during pregnancy. Ten men who used prenatal care at IFF/Fiocruz were interviewed. The verbalized sensations, in general, were positive, but in some cases, accompanied by feelings of fear, worry and surprise.

KEYWORDS: Masculinity. Fatherhood. Prenatal Care.

Introdução

Masculinidades

Masculinidade – substantivo feminino. Característica ou particularidade do que é masculino. Qualidade da pessoa que apresenta um comportamento másculo; virilidade. Masculinidade é sinônimo de: virilidade.

Masculinidade é antônimo de: feminilidade (Dicio – Dicionário Online de Português).

¹ O artigo é recorde da dissertação intitulada “Olhares masculinos sobre as paternidades: vivências, expectativas, demandas, gênero e políticas públicas transversais ao fenômeno” (Fernandes, 2019).

² Mestra em Políticas Públicas em Direitos Humanos pelo Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas em Direitos Humanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPDH/UFRJ). Especialista em Saúde da Criança e do Adolescente Cronicamente Adoecidos pelo Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz). Graduada em Serviço Social pela Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ESS/UFRJ). Pesquisadora no setor de Monitoramento e Avaliação do Instituto Promundo. E-mail: camila-fernandeess@hotmail.com

Masculinidade – sf. Atributo de masculino ou másculo. Antônimo: feminilidade (Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Online).

Masculinidade – principais sinônimos de masculinidade: virilidade (Dicionário de Sinônimos Online).

As definições do termo “masculinidade” têm atravessamentos sociais, econômicos, políticos e culturais. Mesmo em se tratando de um fenômeno que passa por constantes transformações (Kimmel, 1998; Rabelo, 2010), a definição tradicional de masculinidade parece se calcar em tudo o que o homem é (ou “deveria” ser) e, principalmente, em tudo o que o homem não é (ou “deveria” não ser).

O masculino tem sido difundido como polo dicotômico ao feminino, ainda que possam ser considerados complementares: “eles podem conviver um com o outro, mas nunca um no outro” (Torrão Filho, 2005:144). Os comportamentos considerados femininos são positivos nas mulheres, mas se um homem possui algum atributo considerado feminino (e vice-versa), este o desqualifica socialmente (Rabelo, 2010; Torrão Filho, 2005).

Os significados por trás do conceito hegemônico de masculinidade se caracterizam pelo binarismo entre os papéis socialmente designados para homens e mulheres, bem como suas diferenciações biológicas e as relações de dominação (Barbosa, 1998). À título de ilustração, observa-se nas definições acima, em pelo menos dois dos três dicionários consultados, a dualidade que coloca feminilidade e masculinidade em extremos opostos.

Os instrumentos de consulta para significados de palavras legitimam o determinismo biológico que embasa as relações de poder, uma vez que a sexualização da masculinidade é respaldada pelos dicionários de língua portuguesa através da associação entre “masculinidade” e “virilidade” (Barbosa, 1998). Neste sentido, os termos gramaticais têm sido historicamente utilizados para definir traços de caráter e/ou traços sexuais (Scott, 1995).

Essa abordagem limita o conceito de masculinidade a algo homogêneo e essencialista. O essencialismo enxerga a sexualidade e o comportamento dos sujeitos como produto natural do instinto (Heilborn, 2003). Em contrapartida,

a perspectiva do construtivismo social busca romper com a universalidade e problematizar esse modelo (Heilborn, 2003), compreendendo que o comportamento dos sujeitos é socialmente construído e é variável a depender do período histórico, dos territórios e dos costumes.

Coadunando-se à perspectiva do construtivismo social, referencia-se aqui o termo no plural: masculinidades (Kimmel, 1998; Medrado e Lyra, 2008), entendendo que o fenômeno se caracteriza pela diversidade e transitoriedade e, interpretá-lo de forma fixa, é o mesmo que reproduzir o binarismo que o movimento feminista vem trabalhando para desconstruir (Scott, 1995).

A transitoriedade das masculinidades está intimamente ligada as relações de gênero construídas em cenários sociais específicos (Connell e Messerschmidt, 2013) e, assim como o conceito de gênero, as masculinidades também podem variar entre homens inseridos em uma cultura e entre os ciclos de vida de cada um (Kimmel, 1998). Por isso é necessário reconhecer a dinamicidade do fenômeno e romper com a ideia de que as experiências masculinas hegemônicas são imutáveis (Kimmel, 1998; Rabelo, 2010).

Provavelmente muitos homens não adotam o modelo hegemônico de masculinidade, que pode não corresponder à vivência de nenhum homem real (Connell e Messerschmidt, 2013). Ainda assim, ela é considerada o padrão, expressando “a forma mais honrada de ser um homem” (Connell e Messerschmidt, 2013:245), o que reafirma relações de dominação entre homens e mulheres e entre os homens também.

O modelo hegemônico de masculinidade é prejudicial aos homens e os coloca em situações de vulnerabilidade através de estilos de vida nocivos como: episódios de violência do qual são agentes e/ou alvos; uso abusivo de álcool e outras drogas; alimentação inadequada; ausência de exercícios físicos; afastamento dos espaços de cuidado, incluindo âmbito doméstico e serviços de saúde e, conseqüentemente, negligência no cuidado à saúde mental.

A literatura retrata o modelo enrijecido de masculinidade da seguinte forma:

Marcas do homem machista e forte, que põe o dinheiro em casa, que tem o trabalho como maior referência, em que a família e os trabalhos reprodutivos

não são prioritários, que por ser tão forte e voltado para o mundo público (e não o privado), não cuida dos outros e outras, nem de si próprio, adoecendo... (ADRIÃO, 2005, p.11).

Este modelo, que à princípio pode parecer somente uma fonte de privilégio para os homens, flagela suas inúmeras possibilidades de existir. Segundo Barbosa (1998), a necessidade de controlar emoções e sentimentos é um dos elementos que determinam a associação entre masculinidade e virilidade. Em territórios onde virilidade se assemelha à uma ideia de controle emocional, sentimentos que envolvem ternura e suavidade são reprimidos ou até mesmo suprimidos, uma vez que são considerados femininos (Barbosa, 1998).

De todos os meios de se expressar emocionalmente, chorar é socialmente considerado o mais desprezível para o homem, representando fraqueza, vulnerabilidade e incapacidade de se organizar interiormente, enquanto que a ausência de choro é interpretada como força e virilidade (Barbosa, 1998). A expressão de emoções é autorizada para os homens em momentos específicos, como: em casos de morte, se estiverem alcoolizados e na arte, através de música e poesia (Barbosa, 1998).

Apesar de alguns grupos masculinos específicos começarem a incorporar as emoções e os sentimentos em suas representações corporais, sociais e culturais, ainda há uma atribuição desses elementos à feminilidade (Barbosa, 1998). Nesta perspectiva, entende-se que o homem que demonstra seus sentimentos, expressa um “lado feminino”, indicando que as emoções não são vistas como integrantes da identidade masculina, mas como características femininas com as quais os homens começaram a se aproximar (Barbosa, 1998).

As emoções e as demonstrações de sentimento estão intimamente relacionadas às masculinidades às relações de gênero. Neste sentido, é preciso entender como as discussões sobre masculinidades vêm se inserindo nos estudos de gênero e, portanto, como a comunidade científica tem enxergado e representado este grupo em suas produções.

Estudos de gênero

Entre os séculos XVIII e XIX surgiram estudos que buscavam demonstrar que as emoções determinavam as diferenciações biológicas entre homens e mulheres, apontando que mulheres e crianças desenvolviam maior sensibilidade que os homens (Barbosa, 1998). Considerava-se que a sensibilidade “exacerbada” ameaçava a sanidade das pessoas, fazendo com que os homens evitassem mais ainda a sua demonstração (Barbosa, 1998).

O gênero começou a ser teorizado enquanto categoria de análise no século XX (Scott, 1995), já que antes disso as teorias desenvolvidas se alicerçavam no binarismo homem x mulher (Barbosa, 1998; Scott, 1995) e no gênero como uma questão da mulher (Scott, 1995). Posteriormente, passou-se a utilizar gênero para falar sobre o sistema de relações sociais e sexuais e, mais recentemente, as feministas começaram a denominar gênero como uma organização social da relação entre os sexos (Scott, 1995).

Inicialmente, o campo dos estudos de gênero ainda direcionava seus debates somente às mulheres, ampliando e fortalecendo discussões já existentes e dando visibilidade a novas temáticas (Scott, 1995). Porém, seria contraditório estudar homens e mulheres de modo fragmentado, principalmente porque isso reproduziria uma dinâmica que vai em direção oposta às lutas do movimento feminista.

Alguns estudos começaram a substituir a palavra “mulheres” pelo termo “gênero” (Aquino, 2006), o que deu início a uma percepção de que as discussões sobre as mulheres também implicavam os homens e que ambos precisavam ser vistos de forma relacional (Scott, 1995).

Entretanto, ainda há muito o que avançar: Alves (2018) afirma que no Serviço Social – área que tem trabalhado temáticas de gênero expressivamente – o conceito ainda é discutido como sinônimo de mulheres. Nos estudos produzidos nessa área, a figura masculina aparece como derivada, com o objetivo de investigar os fenômenos que atingem diretamente o público feminino (Alves, 2018).

Antes do ressurgimento do movimento feminista nos anos 1960 e do desenvolvimento do conceito de gênero como categoria de análise (Scott,

1995), alguns homens manifestavam interesse em participar das reflexões, até então restritas ao público feminino. Essa aproximação inicial foi vetada pelas mulheres, visto que foi necessário um afastamento para que se pudesse pensar sobre essas questões longe da já vivenciada experiência cotidiana de dominação masculina (Giffin, 2005).

As discussões que centralizam as masculinidades e seus desdobramentos começaram a se inserir, ainda que timidamente, no campo dos estudos de gênero, cabendo destaque para os debates em torno da sexualidade e da saúde reprodutiva, assuntos antes trabalhados majoritariamente pelas mulheres (Giffin, 2005) e para as mulheres. Este foi um processo gradual.

A partir dos anos 1960, as temáticas envolvendo masculinidades ganharam maior notoriedade, principalmente na área das Ciências Humanas e Sociais (Medrado e Lyra, 2008). Contudo, estes estudos eram produzidos por pesquisadoras que abordavam os homens como nocivos às mulheres e como produtores de desigualdades (Giffin, 2005; Sampaio e Garcia, 2010).

Apesar de essa ser uma perspectiva reducionista, foi a partir dessas análises que as estudiosas perceberam as dicotomias de gênero como integrantes do modelo societário, trazendo à luz estruturas e relações legitimadas, reproduzidas e naturalizadas durante tanto tempo (Giffin, 2005; Sampaio e Garcia, 2010). Compreender a relação de dominação entre homens e mulheres possibilitou que as intelectuais feministas inserissem os homens em seus debates, uma vez que a perspectiva relacional de gênero indica as condições das mulheres na sociedade (Adrião, 2005).

No decorrer dos anos 1970, os homens pertencentes à classe média e aos espaços universitários começaram a se reunir para discutir suas experiências nas relações de poder, reconhecendo alguns privilégios e comportamentos de dominação (Giffin, 2005). A aproximação desses homens trouxe à tona as consequências por eles vivenciadas em um sistema sexista e machista. Se antes as discussões giravam em torno do poder que os homens exercem sobre as mulheres, a partir deste momento, as reflexões se

expandiram para as consequências negativas de seus privilégios (Giffin, 2005).

Sabe-se que ao longo da história as mulheres constituem alvo dos maiores índices de desigualdades sociais e que, mesmo com os avanços conquistados, ainda há muito o que percorrer para alcançar a equidade de gênero. Todavia, pode-se afirmar que os homens enfrentam diariamente os efeitos negativos do modelo hegemônico de masculinidade (Medrado e Lyra, 2008).

Ao fim dos anos 1980 começaram a ser produzidos estudos tendo, de fato, as masculinidades como foco (Connell e Messerschmidt, 2013). Essas produções ainda se concentravam em autores específicos, sendo pouco sistemáticas, com pouco desdobramento teórico e epistemológico e de pouca consistência (Medrado e Lyra, 2008).

As conferências de Beijing e de Cairo, no começo dos anos 1990, atentaram para a necessidade de contemplar os homens nas políticas que visavam promover maior equidade de gênero (Adrião, 2005) e foi a partir da segunda metade da década de 90 que se pôde perceber um movimento em busca da sistematização de produções que abordavam as masculinidades de forma heterogênea e com criticidade, o que ainda é um desafio apontado pelo movimento feminista e pelo movimento em defesa da diversidade sexual (Medrado e Lyra, 2008).

No Brasil, os estudos que abordavam masculinidades de forma central ascenderam na década de 90, destacando-se no Sudeste e no Sul, em áreas como a Antropologia e a Psicologia Social. Na América Latina sobressaíram-se trabalhos abordando homens jovens, paternidade e reprodução (Adrião, 2005).

Na primeira metade da década de 2000, a relação entre paternidade e cuidado com as crianças ganhou mais atenção da literatura científica (Aquino, 2006). Começou-se a conflitar as diferentes formas de ser pai com a masculinidade cristalizada, reconhecendo e valorizando o papel do homem como cuidador nos rearranjos familiares contemporâneos (Schraiber et al.,

2005). Mesmo assim, os estudos sobre homens-pais nos contextos familiares ainda são insuficientes (Jager e Bottoli, 2011).

Apesar das produções de gênero colocarem as masculinidades em foco, observa-se que estas ainda são pouco exploradas, se comparadas aos estudos sobre maternidades e contracepção feminina (Jager e Bottoli, 2011), assuntos direcionados especialmente às mulheres.

Na Psicanálise, por exemplo, há uma diversificação de produções bibliográficas sobre as mulheres, pois essas são percebidas como seres complexos, misteriosos e enigmáticos, enquanto que o público masculino é menos explorado em suas temáticas por ser considerado simples e prático (Sampaio e Garcia, 2010).

É preciso ter cautela diante de uma linha tênue: sair dos estudos direcionados às mulheres, transferindo o olhar para os “Estudos das Masculinidades”, dando continuidade às dicotomias estabelecidas (Adrião, 2005). Trabalhar temáticas transversais ou específicas do público masculino se torna ainda mais enriquecedor a partir da perspectiva relacional de gênero.

O movimento feminista no Brasil se depara com o desafio de enxergar os homens para além do modelo hegemônico que os constrói como dominadores e opressores, embora as iniquidades entre homens e mulheres sejam insistentes (Adrião, 2005). Ampliar a discussão das masculinidades nos estudos de gênero pode acarretar inúmeros benefícios às mulheres e aos homens, que têm a oportunidade de romper com estereótipos de virilidade e assumir papéis mais afetivos, como a paternidade, antes velados em detrimento da necessidade de seguir um padrão (Sampaio e Garcia, 2010).

Possibilitar um espaço de fala e de escuta ao público masculino contribui para que este exponha suas percepções e fale de temas sobre os quais, talvez, nunca tenha refletido, já que os homens são constantemente afastados dos espaços de cuidado e de exposição de sentimentos. A gravidez ainda é socialmente vista sob a ótica biomédica, como um fenômeno puramente biológico e, portanto, exclusivo da mulher-mãe. Esta perspectiva tende a enxergar o homem como um coadjuvante durante a gestação, reforçando estereótipos de gênero.

Conhecer as emoções vivenciadas pelos homens neste momento se torna fundamental, pois isso impacta não apenas em suas vidas, mas também na realidade das mulheres e das crianças. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo conhecer as sensações experimentadas pelos homens durante a gestação ao receber a notícia da gravidez e ao entender o que estavam achando de ser pais naquele momento.

Método

O presente artigo é de caráter qualitativo, descritivo e exploratório. A escolha pela metodologia qualitativa é estratégica, uma vez que possibilita conhecer as sensações experimentadas pelos homens durante a gestação a partir de seus relatos.

O local escolhido para realizar a coleta de dados foi a Unidade de Produção Pré-Natal do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), uma unidade de saúde pública federal, referenciada pelo Ministério da Saúde, localizada no Rio de Janeiro, metrópole que acolhe usuários de diversos municípios e estados do Brasil.

Foram incluídos neste estudo homens com dezoito anos ou mais cujas mães de seus filhos estavam grávidas e realizando pré-natal na referida unidade de saúde. Por questões éticas, foram excluídos da pesquisa homens cujos fetos fossem considerados incompatíveis com a vida, considerando possíveis danos de pesquisa. Também foram excluídos deste estudo os homens-pai de bebês com diagnóstico suspeito ou confirmado de malformação, pois estes grupos apresentam questões específicas e constituíram universo de pesquisa trabalhados por outros profissionais.

De acordo com a Resolução nº 446/2011 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), que atua em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), recebendo o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 75566517.0.0000.5269.

O convite para a participação na pesquisa foi feito de forma discreta, individual e pessoal, observando os aspectos éticos. Todos os convidados foram informados sobre seus direitos e sobre os objetivos do estudo e, ao aceitarem participar, foram apresentados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, sanadas as dúvidas, o documento foi assinado em duas vias, sendo uma destas entregue aos participantes.

Embora a entrevista não seja a única forma de fazer pesquisa qualitativa, considera-se que essa prática pode ser importante para conhecer as sensações vivenciadas pelos homens durante a gestação. Para determinar a quantidade de entrevistas, foi adotada a técnica de saturação, em que os discursos expressos nas entrevistas se repetem e a coleta deixa de produzir novos dados (Bauer e Aarts, 2008).

Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas baseadas em roteiro a dez homens, em sala individual e fechada, com garantia de sigilo e todos os participantes concordaram, antes de dar início à entrevista, que esta fosse gravada para fins de pesquisa. Todos os entrevistados foram respeitados em seus valores sociais, culturais, religiosos e étnicos e foram referenciados por nomes fictícios a fim de garantir o anonimato.

No final das entrevistas, ao agradecer a participação dos entrevistados, alguns perguntavam “já acabou?” - em tom de surpresa. Outros falavam positivamente sobre serem ouvidos, afirmando ser a primeira vez que participavam de uma pesquisa nesse sentido. Essas devolutivas não foram solicitadas, caracterizando a espontaneidade dos discursos e a importância de aprofundar a dimensão dialógica com este público, deixando-o à vontade para expor suas percepções e seus sentimentos longe do julgamento moral do senso comum.

Foi adotada a análise de conteúdo (Bardin, 1977) na modalidade temática. Todas as entrevistas foram transcritas e constituíram o corpus da pesquisa (Bauer e Aarts, 2008), que foi submetido à três fases (Bardin, 1977): pré-análise do material através de uma leitura flutuante para contextualizar as falas; exploração do material com ordenamento dos dados e dos aspectos mais relevantes; análise e percepção do material para além do que foi

verbalmente exposto pelos entrevistados (Bardin, 1977). Os dados coletados foram sistematizados e articulados à literatura científica interdisciplinar, a fim de cotejar o material desta pesquisa com diversos olhares e saberes.

Resultados e discussão

A notícia da gravidez

Todos os participantes deste estudo se encontravam em um relacionamento afetivo com as gestantes no momento das entrevistas, embora este não tenha sido um critério de inclusão. É pertinente levantar este ponto, pois o fato de os entrevistados terem um vínculo afetivo com a mãe da criança pode influenciar nas suas emoções e na forma como eles vivenciam paternidade. Para conhecer as sensações vivenciadas pelos homens ao descobrir que se tornariam pais, foi perguntado como eles reagiram ao receber a notícia da gestação:

Ah, fiquei muito feliz... Porque foi um momento propício, que eu e ela temos o mesmo propósito. E quando esse neném chegou, foi uma grande bênção de Deus na nossa vida por esse grande milagre acontecer (Augusto, 42).

Fiquei mal... Quer dizer... É... Digamos que eu fiquei mal, porque, primeiro que eu nunca quis botar uma criança no mundo. Já quis, porém, eu não sou a favor, porque eu não acho que o mundo esteja bom pra pessoa viver. Se não tá bom pra mim, imagine pra uma criança, sabe?! [...] Ou seja, não quero botar uma criança [no mundo], mas veio... (Charles, 19).

Os discursos acima representam dois opostos: Augusto, o participante de maior idade e Charles, o mais jovem dos entrevistados. Augusto, de religião cristã evangélica e Charles, sem crença religiosa. Augusto, cuja gestação foi planejada e Charles, cuja gravidez resultou de falha no método contraceptivo. Ambos em circunstâncias diferentes acolhem a notícia da paternidade também de forma muito diferente.

O discurso religioso na fala de Augusto ganha notoriedade e se associa ao seu sentimento de felicidade ao receber uma notícia que ele desejava. Na fala de Charles, além da frustração de receber uma notícia pela qual não

estava esperando nem desejando, chama a atenção ainda o final do relato “(...) mas veio...”, que expressa certa resignação com a situação, já que a gestação não pôde ser impedida nem mesmo com o uso de contraceptivo. As reações de Augusto e de Charles foram bem explícitas e podem ser percebidas como positivas e negativas, respectivamente. No caso a seguir, o entrevistado não consegue descrever o que sentiu ao descobrir que se tornaria pai:

Não sei se era feliz... Se até pela situação de hoje em dia... Uma mistura de tudo ao mesmo tempo (Oswaldo, 29).

No momento da entrevista, Oswaldo estava desempregado. A situação a qual ele se refere em seu discurso é a falta de emprego como um fator que relativiza a sua felicidade ao descobrir que se tornará pai.

A dimensão do trabalho tem impacto na vida dos homens e a posição de provedor do lar atribui sentidos que são culturalmente centrais na identidade masculina, de forma que o desemprego ou a ausência de trabalho formal podem gerar desdobramentos concretos e simbólicos na vida dos homens (Herrmann, 2016a).

A materialidade ainda é reconhecida como uma forma de cuidado exercida pelos homens. Piccinini et al. (2004), ao entrevistarem homens-pais, identificaram que 11% destes afirmaram buscar informações sobre o bebê durante a gestação, enquanto que 60% dos entrevistados disseram que sua participação se ancorava no apoio material às gestantes.

Outro entrevistado também apontou o desemprego como um fator de preocupação ao receber a notícia da gravidez. Entretanto, no momento da entrevista ele já havia se reinserido no mercado de trabalho, o que, associado a outros fatores, mudou seus sentimentos:

Então, quando aconteceu essa situação, eu fiquei meio preocupado porque eu tava desempregado... Então... [...] Não sabia como ia ser colocar uma criança no mundo, desempregado... [...] Eu fiquei meio preocupado, também nem sabia qual o sexo da criança na época. Depois que eu fiquei sabendo o sexo da criança, fiquei felizão, porque é um menino. [...] Foi muito bem aceito por mim, a [mãe do bebê] até fala que eu sou mais a mãe do que ela (risos). Que eu que venho aqui, eu pergunto tudo pra ela, como que ela tá se sentindo, eu acordo de madrugada se tiver se sentindo mal, roupa, médico sempre com ela. Faço

tudo pra acompanhar, né?! Acho que eu vim em todos os dias aqui, vim em todas as consultas com ela... (Olavo, 28).

O relato de Olavo traz uma série de elementos, pois ele descreve como seus sentimentos se delinearão à medida que alguns fatores foram se modificando. Essa transição de emoções é interessante, pois indica que a paternidade desenvolve múltiplos sentidos com o passar do tempo e dos acontecimentos nesse período. Inicialmente, a sensação de Olavo foi de preocupação por conta da questão socioeconômica, assim como Oswaldo, já que um novo membro na família implica em investimentos financeiros acrescido da insistente responsabilização masculina pela reprodução social familiar.

Além da incerteza quanto ao mercado de trabalho, Olavo levanta um outro ponto que influenciou no seu grau de entusiasmo: “(...) também nem sabia qual o sexo da criança na época”. Com a reinserção no mercado de trabalho, o desemprego deixou de ser uma preocupação para Olavo e o participante evidencia a importância que o sexo da criança adquire para ele, ao afirmar que se sentiu muito feliz ao descobrir que se tratava de um menino.

Logo após demonstrar sua felicidade ao saber o sexo do bebê, Olavo afirma que “foi muito bem aceito” – será que havia a possibilidade de não ser? Finalizando o relato, Olavo aponta que ele e a gestante brincam com o fato de ele participar ativamente do período da gestação, fazendo com que ele seja “mais mãe” que a própria mãe.

Krob et al. (2009), ao entrevistarem homens cujas parceiras estavam grávidas e que ainda não sabiam o sexo do bebê, verificaram que onze entrevistados afirmaram que tinham preferência por menino, quatro disseram que preferiam menina e quatro relataram que o sexo do bebê era indiferente. Percebe-se que o sexo da criança tem impacto para a maioria desses homens, onde a maioria prefere que o bebê seja um menino.

Ao falar da aceitação da gravidez, Olavo evidencia que para ele há a possibilidade, ainda que subjetiva, de não aceitar a gestação – o que não é socialmente permitido às mulheres-mães sob nenhuma hipótese. No momento seguinte, o entrevistado aponta que a companheira superestima as atividades

de acompanhamento e participação que ele desenvolve durante a gravidez. A participação ativa de Olavo na gravidez não é encarada como constituinte da paternidade, mas como uma função da mulher-mãe que ele está assumindo.

Esse discurso tem a ver com a masculinidade hegemônica e é difundido pelo senso comum, contribuindo para a legitimação dos papéis de gênero nos cuidados com a criança. Os veículos midiáticos também têm desempenhado uma função crucial ao determinar o “papel de pai” e o “papel de mãe”, especialmente a indústria cinematográfica com a feminilização das imagens relacionadas ao âmbito doméstico e o afastamento entre homens e crianças (Dantas et al., 2004).

Analisando a representação do público masculino em revistas brasileiras, italianas e francesas, Garboggini (2005) afirma que apesar das transformações nas masculinidades, ainda se verifica a retratação do homem como observador das mudanças na vida das mulheres, sem questionar como isso impacta em sua realidade. Os homens ainda são percebidos como passivos nos cuidados com as crianças e nas suas próprias vivências, causando estranhamento quando assumem posturas mais ativas em eventos considerados femininos, como é o caso de Olavo durante a gravidez.

Para outro participante deste estudo, as reações à descoberta da gravidez foram atravessadas por um híbrido de emoções envolvendo surpresa, felicidade e medo:

Fiquei surpreso, porque a gente tava... Não esperava, né?! Mas também fiquei feliz, mas com um pouco de medo também de acontecer de novo... É, no momento ficou meio conturbado assim, no início (Carlos, 28).

Nos relatos anteriores dos entrevistados, foi possível identificar uma emoção dominante ou a transformação das sensações à medida que iam acontecendo outras coisas em suas vidas. Para além da transição de emoções já observada em outros relatos, a fala de Carlos remete à capacidade humana de sentir coisas diferentes ao mesmo tempo, inclusive sentimentos contraditórios.

Carlos e sua companheira já haviam passado por mais de uma experiência de aborto e chegaram a ter um bebê, que nasceu prematuro e foi à óbito. Em alguns momentos da entrevista, ele afirmou que não gostaria de passar por uma nova gestação naquele momento, fazendo sempre um comparativo da gravidez atual com o filho falecido. A gestação atual foi resultante de falha no método contraceptivo.

Os receios apontados por Carlos não são incomuns entre homens-pais que já tiveram experiências com aborto espontâneo (Krob et al., 2009). A frustração em não levar um filho vivo para casa e em passar por outras gestações que não foram consideradas exitosas ainda não haviam sido superadas pelo participante. A sucessão de gestações e as perdas repetitivas sugerem que não houve grandes espaços (temporais e emocionais) para a vivência do processo de luto.

Em oposição à ideia essencialista de que os homens são, em sua gênese, práticos e simples, neste estudo os participantes demonstram complexidade de emoções. A necessidade da fala se revelou na densidade das entrevistas, onde até mesmo as de menor duração carregavam profundidade de significados.

Apesar de ainda ser predominante, o modelo hegemônico de masculinidade vem passando por modificações e este “novo homem”, ao experimentar seus efeitos negativos, tem se permitido falar sobre seus sentimentos.

Ser pai

Foi perguntado aos entrevistados o que eles estavam achando de ser pais naquele momento. As respostas se mostraram positivas, apesar de componentes que traziam preocupações aos participantes:

Cara, é uma sensação muito complicada... Porque, tipo, você tá mega feliz, que você quer ver rápido o rosto do seu filho. Mas você também fica preocupado com o mundo aqui fora, com as coisas que você vê, lê, observa... Então, você fica muito preocupado em como vai ser com o seu filho. [...] fica

preocupado também de algo acontecer com ele, entendeu?! Porque hoje em dia a gente tá sem segurança nenhuma (Olavo, 28).

É uma mistura de felicidade com preocupação, né?! (Carlos, 28).

É bom, pelo lado só de ser pai e muito... muito... responsável pelo dia de hoje, questão financeira, crise, tudo, né?! Mas, eu tento filtrar tudo e tem sido bom (Luiz, 35).

Apesar das reações positivas, os entrevistados identificam que esta etapa lhes traz maiores responsabilidades e preocupações. A preocupação é um sentimento comum entre eles, mas as motivações são diferenciadas: Olavo chama a atenção para a violência urbana e a infraestrutura do sistema de segurança; Carlos experimenta a emoção da felicidade aliada à incerteza devido às experiências negativas e Luiz destaca o fator econômico.

Apesar de o homem não vivenciar os efeitos físicos da gravidez – pelo menos não diretamente – ele passa por uma série de transformações, podendo desencadear sensações contraditórias e conflituosas, onde suas responsabilidades tendem a aumentar (Carteiro e Marques, 2010).

Mesmo se sentindo felizes com a paternidade, os entrevistados não romantizam suas emoções, uma vez que a alegria vem acompanhada de maiores demandas e responsabilidades. A seguir é reproduzido mais um relato onde o sentimento de felicidade predomina, mas dessa vez, nenhuma contrapartida é apontada pelo entrevistado:

Ah, eu tô achando maravilhoso... Tô muito feliz mesmo. E assim, o que eu puder acompanhar e estar presente em todos os momentos, eu vou tentar estar... Cada dia mais eu vou ficando feliz. Muito ansioso, né?! Pra saber o sexo do bebê. Mas assim, automaticamente, eu tô muito feliz mesmo... Muito feliz (Jorge, 28).

A fala de Jorge é calcada somente em emoções positivas. Segundo o entrevistado, ser pai naquele momento é definido como algo “maravilhoso”, elucidando sua felicidade e deixando explícito que este é um sentimento progressivo, uma vez que com o passar dos dias vai se sentindo mais feliz.

Além da felicidade, o participante chama a atenção para a ansiedade em saber o sexo do bebê, mas ele não aponta este fator como condicionante para sua satisfação. Apesar disso, a curiosidade para saber o sexo gera uma

ansiedade, mostrando que este fator tem sua importância – ainda que não seja definitivo para sua alegria, o sexo da criança não passa despercebido para o entrevistado.

No fragmento a seguir, o entrevistado, que tem uma filha de um relacionamento anterior, estabelece um comparativo da gravidez anterior com a atual:

Agora... Eu tô achando mágico, no caso. Porque a da minha filha mesmo [...] Eu não tive... Relação assim de namoro, de marido e mulher [com a mãe da filha anterior] no caso... Aconteceu. Mas eu dou a assistência, que eu tenho que dar... Mas não com ela [a mãe do bebê atual], que eu moro junto... Pra mim agora, no caso, eu vou ser pai de verdade, né?! De criar, de acordar... Esses negócios todos (Mário, 24).

Se nos relatos anteriores os sentimentos em torno da paternidade eram permeados pela felicidade com uma dose de realidade, na fala de Mário, este momento é percebido como algo místico. Mário deixa explícito que a paternidade se condiciona ao vínculo afetivo entre a mãe e o pai da criança, desconsiderando sua experiência de paternidade anterior como legítima, já que por não ter um vínculo afetivo com a mãe da criança, sua participação foi limitada.

A figura materna surge como responsável – ou, no mínimo, influenciadora – da formação de vínculo e das relações estabelecidas entre pais e filhos. O não envolvimento do homem com a gestação e o não desenvolvimento de vínculo com a criança são mais expressivos quando ele não está em um relacionamento afetivo com a gestante/mãe da criança (Herrmann, 2016b).

A mulher-mãe parece acumular às “suas funções” a tarefa de agenciar o vínculo entre o homem-pai e a criança, aumentando sua sobrecarga. Na bibliografia consultada não há questionamento desse papel, pelo contrário: há sua legitimação. São raros os casos em que o homem acolhe a paternidade de forma prazerosa sem que a mãe do bebê seja identificada como sua companheira (Fonseca, 2004), uma vez que ele alimenta a ideia de formação de uma família para depois ter filhos – é como se ele estivesse se despedindo

de uma “vida de solteiro” para assumir o papel de chefe de família (Fonseca, 2004).

Em seguida, Mário fala que “aconteceu”, se referindo à gestação, que parece ter sido produto do destino, sem qualquer tipo de controle. O entrevistado afirma, ainda, que ele dá a “assistência” que ele tem que dar, sugerindo que cumpre uma obrigação de prover recursos materiais à filha, novamente fazendo alusão ao homem como provedor do lar.

No começo da entrevista, ao falar sobre filhos anteriores, Mário relatou que passa os fins de semana com a filha. A presença física do pai é restrita a alguns dias e a centralidade do cuidado fica por conta de recursos materiais. Segundo Pleck (1997) apud Dantas et al. (2004), alguns fatores influenciam na participação de homens-pais separados: a idade (um bebê gera maior sensibilidade que um adolescente); o sexo da criança (meninos tendem a receber maior atenção dos homens-pais) e o dia da semana (fins de semana parecem ser mais propícios para este homem estar com os filhos).

Analisando os relatos dos entrevistados, observa-se que todos demonstram sensações positivas sobre “ser pai neste momento”. Dos dez entrevistados, nove fizeram relatos positivos, cada um com suas especificidades. Chama a atenção o relato de Charles, que desde o início, ao falar sobre a descoberta da gravidez, não verbalizou nenhuma emoção associada ao prazer ou felicidade:

[...] Tô achando um pouquinho ruim, não vou mentir não... Porque correr atrás de pré-natal [...] Por mim, eu e ela [a gestante], a gente tava indo no cinema, tava indo fazer outras coisas, só que agora a gente... É tudo o bebê... É uma coisa que eu falei com ela recentemente, falei: “pô, eu sei, criança, tal... a gente têm que se importar mesmo”, mas antes ela me ligava e falava: “oi amor, como é que tá o seu serviço aí e tal?” Perguntava do meu dia... Hoje em dia ela só me liga pra falar do bebê. Falei: “pô, tá foda... tá complicado, você só dá atenção pro bebê”. [...] Eu acho que a criança tem que nascer pra eu começar a gostar mais dela... Aí é outra coisa, por enquanto, tá cuidando da barriga dela, meio chato (Charles, 19).

Apesar de demonstrar que a experiência tem sido desagradável, em alguns momentos da entrevista Charles dizia que não estava sendo bom nem ruim, em outros momentos mudava de ideia. O híbrido de sentimentos e a

mudança constante das emoções reforça a complexidade da paternidade e os inúmeros significados que o fenômeno carrega. Também reforça a dificuldade masculina de expressar o que sente, muitas vezes não encontrando palavras que descrevam.

Conforme já mencionado, Charles é o participante mais jovem e apesar de estar em um relacionamento afetivo com a gestante no momento da entrevista, cada um residia com suas famílias de origem. A relação entre eles era de namoro e com a gravidez, passa por mudanças com as quais o entrevistado ainda tem dificuldades de se adaptar. Além disso, Charles sente a atenção da namorada mais direcionada ao bebê e ressalta sua não vinculação à criança pelo fato dela ainda não ter nascido.

É comum o homem-pai sentir medo de perder o afeto e a atenção da companheira para o bebê, podendo, algumas vezes adotar um comportamento afastado e solitário à medida que a mulher-mãe fortalece seu envolvimento com a criança (Carteiro e Marques, 2010).

Contudo, é preciso ter cautela ao fazer este tipo de análise, para não adotar uma abordagem que naturalize fenômenos que são produto de uma construção social. O debate sobre essencialismo e sobre construtivismo social, exposto anteriormente, ajuda a problematizar essas questões e a entender que em muitos casos, mesmo quando o homem deseja participar dos cuidados com a criança, ele é marginalizado, o que se explica pela força dos tradicionais papéis de gênero culturalmente determinados (Gabriel e Dias, 2011).

Durante a gestação, Charles não sente que está cuidando de um bebê e sim de uma barriga. A paternidade pode ser incorporada no momento da descoberta da gravidez, ao sentir os movimentos fetais, após o nascimento da criança ou até mesmo ao longo de seu crescimento (Carteiro e Marques, 2010).

É neste cenário que a gestação é, muitas vezes, percebida pelos homens-pais como um período de preparo para uma relação que será experimentada somente após o nascimento do bebê (Gabriel e Dias, 2011). De todo modo, há uma relativização do momento de “sentir-se pai” para os homens, enquanto que para as mulheres não é socialmente permitido “sentir-

se mãe” gradualmente: elas são chamadas a acolher a maternidade imediatamente, inclusive, antes mesmo de ficarem grávidas.

A gravidez ainda é idealizada como um fenômeno apenas biológico, definido pelas transformações no corpo da mulher, lateralizando a paternidade e fazendo com que esta passe a existir somente após o nascimento (Herrmann, 2016b), acarretando o não envolvimento do homem-pai com a gestação e, muitas vezes, com o próprio filho (Herrmann 2016a e 2016b).

Considerações finais

As sensações quanto a descoberta da gravidez e quanto ao que os entrevistados achavam de ser pais naquele momento se mostraram, no geral, positivas, mas não romantizadas pela maioria.

O sentimento de felicidade foi comum nos relatos. Para alguns, este sentimento surgia desde o início da gravidez e se mantinha. Houve também a felicidade gradativa, que ia tomando uma proporção maior conforme o período gestacional avançava. Também foi identificada a felicidade pós-preocupações, a partir de acontecimentos que redesenhavam a realidade, como a descoberta do sexo do bebê e a reinserção no mercado de trabalho.

Em alguns casos, a sensação de felicidade não vinha isolada, sendo associada a sentimentos de medo, surpresa e preocupação que se traduzem no temor de reviver experiências que não foram positivas, no receio quanto a instabilidade econômica e na preocupação quanto à violência urbana.

Verificou-se que as emoções experimentadas pelo homem ao receber a notícia da gestação e o que ele estava achando de ser pai naquele momento podem se relacionar com a vinculação afetiva entre ele e a gestante. Essa relação pode definir as vivências de paternidade desde o nascimento até a trajetória de vida da criança, o que fica evidente no caso de um dos entrevistados que tem uma filha anterior. Neste sentido, é atribuída à mulher-mãe a responsabilidade de agenciar a formação e a manutenção do vínculo entre homens-pais e filhos, aumentando ainda mais sua sobrecarga.

O fato de todos os participantes deste estudo estarem em um relacionamento afetivo com a gestante no momento das entrevistas impossibilitou a exploração de um universo maior de homens-pais, como os homoafetivos, os adotivos e os que não se encontram em relacionamento afetivo com a gestante. Entretanto, esta já era uma questão prevista, considerando que os atores mencionados acima não se inserem com tanta frequência em serviços de pré-natal.

Apesar dos avanços no campo dos estudos de gênero, a produção científica sobre masculinidades de forma central ainda é pouco explorada, principalmente se comparada as produções que trabalham temáticas direcionadas especificamente às mulheres. Alguns entrevistados afirmaram que era a primeira vez que participavam de uma pesquisa onde pudessem falar diretamente sobre suas questões. Neste contexto, espera-se que este artigo tenha o potencial de contribuir para futuras reflexões.

O presente estudo adotou a fala como modo de expressar emoções e sentimentos vivenciados pelos homens durante a gestação. Os homens demandam por espaços onde possam falar sobre como se sentem, algo que lhes têm sido negado historicamente. A densidade das entrevistas e a complexidade dos sentimentos verbalizados indicam que estes sujeitos não são tão práticos como ainda são retratados.

A gestação ainda é vista como exclusivamente da mulher, o que não corresponde à pluralidade e à complexidade do fenômeno. Valorizar o protagonismo masculino na saúde sexual e reprodutiva significa aproximar este grupo do cuidado e propiciá-lo melhores condições de vida. Sabotar e/ou marginalizar os homens no acompanhamento da gestação constitui violação de direitos.

O silenciamento histórico e a repressão das emoções masculinas, em parte, explica os alarmantes índices de suicídio, feminicídio, violências, negligência e abuso infantil, entre outros fatores prejudiciais não apenas ao homem, mas a outros sujeitos também. Neste sentido, quando os homens passam a entender seus sentimentos e buscam formas saudáveis de expressá-los, tornam-se potenciais aliados na busca pela equidade de gênero.

Reconhecer que há outros atores para além da gestante que demandam cuidados específicos é estratégico no combate às iniquidades de gênero, oportunizando a participação ativa dos homens em tarefas que tradicionalmente têm sido atribuídas somente às mulheres. Principalmente em uma fase marcante como a gravidez e por se tratar de um grupo heteronormativo, evidenciou-se a necessidade da ampliação do diálogo com acolhimento de suas emoções, sobre as quais não costumam verbalizar em seu cotidiano.

Referências

ADRIÃO, K.G. Sobre os estudos em masculinidades no Brasil: revisitando o campo. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v.1, n.3, p. 9-20, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/6135/3786>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

ALVES, A. M. Pensar o gênero: diálogos com o Serviço Social. *Serv. Soc.*, São Paulo, n.132, p.268-286, maio/ago. 2018. DOI: < <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.141>>. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n132/0101-6628-sssoc-132-0268.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

AQUINO, E.M.L. Gênero e saúde: perfil e tendências da produção científica no Brasil. *Revista Saúde Pública*, v.40, p. 121-132, 2006. Disponível em: < <https://www.scielo.org/pdf/rsp/2006.v40nspe/121-132>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

BARBOSA, M.J.S. Chorar, verbo transitivo. *Cadernos Pagu*, v.11, p. 321-343, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634637>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p.

BAUER, M.W.; AARTS, B. *A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos*. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 39-63.

BRASIL. *Comissão Nacional de Ética em Pesquisa: Resolução 446, de 11/08/2011*. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/resolucoes.htm. Acesso em: 31 maio 2020.

_____. *Conselho Nacional de Saúde: Resolução 466, de 12/12/2012*. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 31 mai. 2020.

CARTEIRO, D.; MARQUES, A.M. Os homens e a gravidez. *Cadernos de sexologia*, n.3, p. 67-76, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6076/1/ISEX%20%233%2067-76.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2020

CONNELL, R.W; MESSERSCHMIDT, J.W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.21, n.1, p.241-282, jan-abr 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>. Acesso em: 31 mai. 2020.

DANTAS, C.; JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. *Paidéia*, São Paulo, v.14, n.29, p.347-357, dez. 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3054/305425355010.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2020.

FONSECA, C. A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.12, n.2, p.13-34, maio-ago 2004. Disponível em: <http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/9010-9009-1-PB.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2020.

GABRIEL, M.R.; DIAS, A.C.G. Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, Rio Grande do Norte, v. 16, n. 3, p. 253-261, set-dez. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/261/26122323007.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2020.

GARBOGGINI, F.B. O homem na publicidade da última década. Uma cultura em mutação? *Educar*, Curitiba, n. 26, p. 99-114, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/viewFile/4726/3652>. Acesso em: 31 mai. 2020.

GIFFIN, K. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciência e Saúde Coletiva*, v.10, n.1, p.47-57, 2005.

HEILBORN, M.L. *Articulando gênero, sexo e sexualidade: diferenças na saúde. O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Paulete Goldenberg, Regina Maria Giffoni Marsiglia, Mara Helena de Andréa Gomes (Org.). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003, p. 197-208.

HERRMANN, A. *Guia de Saúde do Homem para Agente Comunitário de Saúde (ACS)* /Angelita Herrmann, Cicero Ayrton Brito Sampaio, Eduardo Schwarz Chakora, Élide Maria Rodrigues de Moraes, Francisco Norberto Moreira da Silva, Julianna Godinho Dale Coutinho. - Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 2016a. 67 p.: il.

_____. *Guia do Pré-Natal do Parceiro para Profissionais de Saúde* /Angelita Herrmann, Michelle Leite da Silva, Eduardo Schwarz Chakora, Daniel Costa Lima. - Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 2016b. 55 p.: il.

JAGER, M.E; BOTTOLI, C. Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia: teoria e prática*, Rio Grande do Sul, v.13, n.1, p.141- 153, 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v13n1/v13n1a11.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

KIMMEL, M.S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.4, n.9, p. 103-117, out 1998. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0103.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

KROB, A.D.; PICCININI, C.A.; SILVA, M.R. A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 20, n.2, p. 269-291, abr./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/psicousp/article/view/42000>>. Acesso em: 08 mai. 2020.

MASCULINIDADE. In: DICIO, *Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/masculinidade/>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

MASCULINIDADE. In: *Dicionário de Sinônimos Online*. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/masculinidade/>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

MASCULINIDADE. In: *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Online*. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/masculinidade/>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

MEDRADO, B; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.16, n.3, p.809-840, set-dez 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000300005/9130>> . Acesso em: 31 mai. 2020.

PICCININI, C.A; SILVA, M.R; GONÇALVES, T.R; LOPES, R.S; TUDGE, J. O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.17, n.3, p. 303-314, 2004.

RABELO, A.O. Contribuições dos estudos de gênero às investigações que enfocam a masculinidade. *Ex Aequo*, v.21, p.161-176, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n21/n21a12.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

SAMPAIO, R.S; GARCIA, C.A. Dissecando a masculinidade na encruzilhada entre a psicanálise e os estudos de gênero. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 16, n.1, p. 81-102, abr 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2010v16n1p81/1522>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

SCHRAIBER, L.B; GOMES, R; COUTO, M.T. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. *Ciência e Saúde Coletiva*, v.10, n.1, p. 7-17, 2005. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/csc/2005.v10n1/7-17/pt>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

SCOTT, J.W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

TORRÃO FILHO, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, v.24, p. 127-152, jan-jun 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a07.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

Recebido em janeiro 2020.
Aprovado em julho 2020.